



**SUPERINTENDÊNCIA
DA ZONA FRANCA DE MANAUS**

www.suframa.gov.br

Clipping Local Mídia Impressa

Coordenação Geral de Comunicação Social - CGCOM

Manaus, quinta-feira, 3 de fevereiro de 2011

A CRITICA MOTOCICLETAS	1
ECONOMIA	
A CRITICA PRODUÇÃO INDUSTRIAL	2
ECONOMIA	
A CRITICA MÃO DE OBRA	3
ECONOMIA	
A CRITICA VAREJO NACIONAL	4
ECONOMIA	
AMAZONAS EM TEMPO Yamaha vai investir R\$ 60 mi no PIM	5
ECONOMIA	
AMAZONAS EM TEMPO Produção cresce 10,5% em 2010	6
ECONOMIA	
DIÁRIO DO AMAZONAS Suframa vai divulgar Fiam	7
AMAZONAS	
DIÁRIO DO AMAZONAS Indústrias tem maior expansão desde 1986	8
BRASIL	
DIÁRIO DO AMAZONAS Dilma propõe ' reajuste de longo prazo'	9
BRASIL	
DIÁRIO DO AMAZONAS COMPETITIVIDADE	10
BRASIL	
DIÁRIO DO AMAZONAS Argentina está ' preocupada' com Brasil	11
MUNDO	
MASKATE Sindinaval oferece alternativa para Distrito Naval	12
MASKATE Sindinaval oferece alternativa para Distrito Naval (continuação)	13

MOTOCICLETAS

Yamaha investirá R\$ 60 mi

Empresa, que tem unidade no Polo Industrial de Manaus, quer ampliar em 25% sua produtividade

A Yamaha Motor da Amazônia (YMA) projeta crescimento 25% na produção de motocicletas em Manaus, saltando de 224,2 mil unidades no ano passado para 260 mil neste ano. Em volume de investimento global a empresa injetará R\$ 60 milhões este ano, contra R\$ 280 milhões de investimento fixo nos últimos três anos. O anúncio foi feito ontem durante visita da imprensa às instalações da fábrica, no Distrito Industrial.

Apesar do incremento, a empresa não atingirá as marcas do período pré-crise - em 2008 a produção bateu recorde com 334.040 motocicletas - e não haverá abertura de novos postos

de trabalho, o quantitativo de mão de obra permanecerá 'estável'. Em 2010, a empresa fechou com 2.999 empregos. A expectativa é atingir no próximo ano, o mesmo patamar de produção de 2008, crescimento brechado pela crise financeira mundial.

"Embora a produção seja maior, a mão de obra ficará estável, porque tínhamos excesso de obra na época da crise, que depois uma parte foi realocada para terceirizadas", disse o gerente executivo de administração da YMA, Genoir Pierosan.

De acordo com o presidente do grupo Yamaha do Brasil, Shigeo Hayawa, nos próximos três, quatro anos a empresa tem co-

mo meta alcançar 20% do mercado de venda de motocicletas do Brasil, contra os 13% que possui atualmente. A Honda detém cerca de 80%. Em Manaus, a Yamaha está preparada para produzir 400 mil unidades ao ano, mas no ano passado utilizou 55% da capacidade. "Ter 20% do mercado é o nosso objetivo a médio prazo", afirmou.

Aqui são produzidos 13 modelos, sendo ao carro chefe a YBR 125 cc, uma moto de baixa cilindrada. Para este ano, a grande expectativa é a Ténéré 1.200 cc, que deve chegar do Japão direto para o mercado consumidor no Brasil ainda no primeiro semestre deste ano.

PRODUÇÃO INDUSTRIAL

Crescimento é de 10,5%, diz IBGE

Essa foi a maior alta anual desde 1986, segundo pesquisa

A produção industrial no País recuou 0,7% em dezembro, em relação a novembro, depois de ficar praticamente estável nos últimos quatro meses, e fechou 2010 com crescimento de 10,5%, segundo levantamento do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). De acordo com a pesquisa, o resultado fechado do ano reverteu a queda de 7,4% verificada em 2009.

O IBGE informa que essa é a maior expansão anual da produção industrial observada desde 1986, quando o crescimento registrado fora de 10,94%. A base de dados relativos à pesquisa

industrial existe desde a década de 1970 no IBGE. Os primeiros seis meses de 2010 registraram crescimento mais expressivo (16,2%) do que no semestre seguinte (5,6%), na comparação com o mesmo período de 2009.

No fechamento de 2010, foi verificado perfil generalizado de crescimento, 25 dos 27 setores registraram crescimento. As maiores influências partiram de setores de veículos automotores (24,2%) e de máquinas e equipamentos (24,3%). Em seguida, aparecem metalurgia básica (17,4%) e indústrias extra-tivas (13,4%).

Manaus, quinta-feira, 3 de fevereiro de 2011.

MÃO DE OBRA

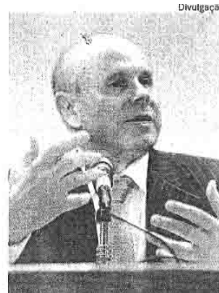
Qualificação é maior desafio para País crescer

Escassez de profissionais preparado pode 'frear' crescimento do País

O ministro da Fazenda, Guido Mantega, disse ontem a empresários, na primeira reunião do Grupo de Avanço da Competitividade

(GAC) no governo Dilma Rousseff, que os principais desafios para o País continuar crescendo são melhorar as contas externas,

resolver problemas com o câmbio e qualificar a mão de obra. "Um dos gargalos que podemos ter para a continuação do cresci-



Guido Mantega está preocupado

mento do País é a escassez de mão de obra com a qualificação adequada. Então, temos que juntar esforços e implantar no País um grande programa de qualificação de mão de obra", afirmou. Segundo o ministro, investir em qualificação é prioritário para inserir no mercado de trabalho cidadãos que estão desempregados.

Já em relação ao déficit em transações correntes, Mantega ressaltou a importância de melhorar o desempenho das exportações brasileiras diante das importações.

O déficit em transações correntes do Brasil, em 2010, foi negativo em US\$ 47,5 bilhões, o equivalente a 2,28% do Produto Interno Bruto (PIB). O resultado é o maior da série histórica em termos nominais e é praticamente o dobro do registrado em 2009 - que foi de US\$ 24,3 bilhões, o equivalente a 1,52% do PIB. "Temos de fazer com que as exportações cresçam mais do que as importações. Não podemos permitir que haja um aumento do déficit em conta corrente", disse o ministro.

VAREJO NACIONAL

Preferência no Norte do País

Setor faturou R\$ 638 bilhões no ano passado

Dados da Associação Brasileira de Lojistas de Shopping (Alshop) e do IBOPE, revelam que o setor varejista nacional encerrou 2010 com faturamento de R\$ 638 bilhões. O crescimento é de 13,5% em relação a 2009. A venda realizada em shoppings nacionais re-

presenta 16% do volume registrado em todo varejo brasileiro, resultando em R\$ 99 bilhões, obtidos a partir da performance de seu mix de lojas, instalações adequadas, entre outras.

Deste valor, a Região Norte é responsável por R\$ 3 bilhões

em vendas, sendo que os segmentos de eletrodomésticos e vestuário empatam no topo da lista entre as preferências do consumidor, responsáveis cada um por 23% do faturamento da região, gerando R\$ 740 milhões e R\$ 717 milhões, respectivamente. O item Alimentação ocupa a segunda colocação na preferência de consumo dos habitantes do Norte, obtendo R\$ 521 milhões, 16% do faturamento da região. Em seguida vem Higiene, com R\$ 337 milhões, ou 11% do total do varejo do Norte. As outras áreas, na preferência são: Produtos de casa, Calçados, Artigo de uso pessoal e Livros.

Yamaha vai investir R\$ 60 mi no PIM

Investimentos globais na fábrica de Manaus devem resultar em um aumento na produção de motocicletas superior a 20% neste ano

HENRIQUE SAUNIER
Especial para o EM TEMPO
henrique@emtempo.com.br

Com resultados positivos em 2010, a gigante japonesa do segmento de duas rodas, Yamaha, possui uma expectativa para 2011 de um incremento de 24,87% na produção de motocicletas. Para alcançar esse patamar, somente a fábrica do Polo Industrial de Manaus (PIM) - a única do grupo situada no país - deve receber um investimento global de R\$ 60 milhões.

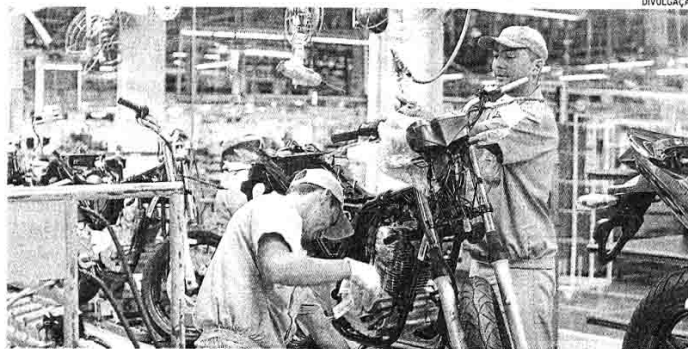
Os investimentos, revelados pelo diretor de administração da planta em Manaus, Genoir Pierosan, desta vez são mais sóbrios, se levada em consideração a quantidade de recurso que a fábrica recebeu nos últimos três anos, que ao todo somou aproximadamente R\$ 280 milhões. No entanto, isso mostra que a Yamaha está pronta para recuperar a produção recorde de 2008, que foi superior a 334 mil motos.

E, se há uma palavra para resumir 2010 para Yamaha, é

recuperação. Após uma queda vertiginosa de 43,85% na produção de motocicletas em 2009, o ano passado foi de alta de 24,87% na fabricação dos veículos, com 224,2 mil unidades produzidas na planta de Manaus. Para este ano, a expectativa é de um aumento nas vendas de 20%.

Ainda no que concerne às metas, Pierosan foi categórico ao afirmar que, neste ano, as estimativas ainda não são de alcançar os 'ótimos' resultados de outrora, mas que, em 2012, a produção de 2008 deve ser de novo uma realidade. Sem grandes lançamentos divulgados, a Yamaha ressaltou que continuará apostando nos modelos com forte apelo comercial, como é o caso da YBR 125 cilindradas, motocicleta mais vendida atualmente.

"Vemos o consumo de nossas motos localmente como potencial e estamos nos esforçando para aumentar ainda mais a participação nesse mercado, visto que atualmente temos três concessionárias", avaliou o diretor.



No acumulado de janeiro a dezembro do ano passado, a fabricante japonesa produziu 224,2 mil unidades de motocicletas

'PPB deve afetar as menores'

Atualmente, disponível para consulta pública no Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (Mdic), o Processo Produtivo Básico (PPB) do setor de duas rodas também foi 'alvo' de avaliações da Yamaha. Genoir Pierosan afirmou que este novo PPB deve afetar, principalmente, as empresas componentistas menores do

ramo, uma vez que ele visa aumentar o nível de nacionalização do conjunto de peças que são utilizadas na produção de motocicletas.

"Há uma luta constante para que esse novo PPB aumente o número de operações ligadas às empresas regionais e é certo que a Yamaha quer este documento aprovado", declarou Pierosan.

Com uma logística considerada como "complexa" pela própria Yamaha, a fábrica trouxe consigo duas outras empresas fornecedoras exclusivas para o PIM - a Sakura e a Yamaha Electronics. Atualmente, são 130 fornecedores que atendem às necessidades da companhia em todo o Brasil, sendo 50 empresas residentes no polo local.

De olho no mercado

Quem se mostrou bastante otimista, porém com os 'pés no chão', foi o diretor-presidente da Yamaha, Shigeo Hayakawa. Atualmente, a fábrica detém quase 13% do total de motocicletas produzidas em todo o país, e o presidente comentou as esperanças para o futuro. "Temos uma capacidade de produção de 400 mil unidades, o que representaria aproximadamente 20% de todo o país, mas sabemos que não estamos prontos para produzir neste patamar, pois isso demanda investimento. Mas nossa meta é chegar a 20% em um prazo médio de até quatro anos", prospectou.

Na contramão, algo que não deve seguir a tendência de crescimento é a geração de empregos. De acordo com Genoir Pierosan, o contingente de 3 mil funcionários alcançado em 2010 deve ser mantido neste ano.

Produção cresce 10,5% em 2010

A pesar da freada no ritmo de atividade nos últimos meses de 2010, a produção industrial acumulou alta de 10,5% de janeiro a dezembro de 2010, segundo os dados divulgados hoje pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). É a maior alta anual desde 1986.

Já em dezembro, a produção industrial caiu 0,7% na comparação com novembro, quando havia recuado apenas 0,2%.

No acumulado do ano até novembro, a produção tinha crescido 11,1%. Em 2009, a produção industrial recuou 7,4%.

De acordo com a pesqui-

Os dois únicos ramos com queda foram fumo (-8%) e outros equipamentos de transportes (-0,1%).

Considerando apenas o resultado de dezembro, houve alta de 2,7%, na comparação com dezembro de 2009, em uma taxa de expansão menos intensa do que em meses anteriores.

A atividade industrial apresentou redução em 8 ramos e registrou crescimento em 19 na comparação com dezembro de 2009. As altas mais expres-

sa, houve crescimento em 23 das 25 atividades em 2010. A maior alta ocorreu no ramo de veículos automotores (24,2%).

As expansões assinaladas em máquinas e equipamentos (24,3%), metalurgia básica (17,4%), indústrias extrativas (13,4%), produtos de metal (23,4%), outros produtos químicos (10,2%) também tiveram destaque.

sivas ficaram com veículos automotores (12,1%), seguido por indústrias extrativas (10,4%) e máquinas e equipamentos (6,2%). Já a principal queda foi registrada pelo setor de material elétrico de comunicações (-28%).

Suframa vai divulgar Fiam

A Superintendência da Zona Franca de Manaus (Suframa) informou que todos os preparativos para a sexta edição da Feira Internacional da Amazônia (Fiam 2011) poderão ser acompanhados pelo twitter no endereço www.twitter.com/VI_FIAM. A ferramenta deverá proporcionar mais agilidade na divulgação de informações aos expositores, palestrantes, investidores e ao público em geral.

Indústrias têm maior expansão desde 1986

A produção industrial brasileira cresceu 10,5% em 2010, em relação ao ano anterior. A expansão é a maior desde 1986. Em 2009, a indústria havia recuado 7,4%. O dado foi divulgado ontem pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Entre as categorias industriais, o maior crescimento foi registrado entre os bens de capital, com alta de 20,8%. Os bens intermediários tiveram um aumento na produção de 11,4%. Entre os bens de consumo, os duráveis tiveram alta de 10,3% e os semi e não duráveis, de 5,2%.

Apesar do crescimento acumulado em 2010, a indústria teve queda de 0,7% na produção no mês de dezembro.

'Trajetória descendente'

A evolução trimestral da produção industrial mostrou uma "trajetória descendente" na atividade da indústria brasileira ao longo de 2010, nas palavras do gerente da Coordenação de Indústria do IBGE, André Macedo.

A produção da indústria brasileira subiu 3,1% no primeiro trimestre de 2010; desacelerou para 1,1% no segun-



A produção da indústria brasileira sofreu com a concorrência dos importados no fim do ano passado / Foto: Luiz Costa/AE/28/05/2010

do trimestre; caiu 0,6% no terceiro trimestre; e recuou 0,1% no quarto trimestre, sempre na comparação com trimestre imediatamente anterior.

Queda em dezembro

A atividade industrial amargou em dezembro o pior resultado em seis meses. O ambiente de juros altos e de forte concorrência de importados aprofundou a trajetória de queda na produção industrial, de -0,2% para -0,7% de novembro para dezembro.

No entanto, a performance positiva em 2010 não melho-

rou o humor do mercado financeiro, que foi surpreendido negativamente com a queda na margem. Analistas aguardavam um aumento de, no mínimo, 0,4% na produção em dezembro.

A queda de 13,3% na produção de material eletrônico e equipamento de comunicações em dezembro ante novembro foi uma das principais contribuições para o recuo de 0,7% na produção industrial geral.

Fale com o editor:
redacao@diarioam.com.br

Dilma propõe ' reajuste de longo prazo'

A presidenta Dilma Rousseff anunciou ontem, ao participar da abertura dos trabalhos do Congresso Nacional, que vai enviar ao Parlamento uma proposta de política de reajuste do salário mínimo de longo prazo, que garanta ganhos reais frente à inflação. A oposição criticou o discurso e reclamou da falta de 'propostas concretas'.

Segundo Dilma Rousseff, a ideia da política é estabelecer regras estáveis para garantir que o salário mínimo recupe-

re seu poder de compra e seja compatível com a capacidade financeira do governo.

A presidente destacou que, com essa política, os trabalhadores terão ganhos reais acima da inflação. "Este é um pacto deste governo com os trabalhadores", afirmou Dilma, ao ler a mensagem presidencial no Congresso Nacional.

Dilma reafirmou que o compromisso de seu governo é erradicar a pobreza extrema. "Não é uma missão que se restringe ao nosso governo, é

uma missão de todos".

A presidente disse ainda que os pilares de sua gestão serão a política macroeconômica, o equilíbrio fiscal, o controle da inflação e o rigor com o dinheiro do contribuinte para que o Brasil tenha desenvolvimento sustentável.

'Faltou compromisso'

Lideranças tucanas reclamaram da falta de compromissos concretos no discurso da presidente Dilma Rousseff. Para eles, o discurso foi vazio e somente trouxe 'intenções'.

"Ouvi com respeito, mas vou guardar meus aplausos para quando estas promessas se transformarem em ações, sobretudo em relação às reformas", disse o senador Aécio Neves (PSDB-MG).

O senador Aloysio Nunes Ferreira (PSDB-SP) também reclamou da falta de propostas concretas. Ele citou que a promessa de uma política de longo prazo para o salário mínimo tem o objetivo de tirar o foco da discussão de um aumento maior do que os R\$ 545,00 defendidos pelo gover-

no para 2011.

"Senti falta de medidas concretas. Este projeto de longo prazo para o salário mínimo é uma forma de tentar escapar da pressão das centrais sindicais por um salário mínimo de R\$ 580,00 e do PSDB de um valor de R\$ 600,00", afirmou o tucano.

O presidente do PSDB, deputado Sérgio Guerra (PE), reclamou da falta de 'precisão' das propostas.

Fale com o editor
redacao@diarioam.com.br

COMPETITIVIDADE

Governo admite elevar as alíquotas de imposto de importação este ano

O ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, Fernando Pimentel, disse ontem que o governo pode, sim, aumentar as alíquotas de imposto de importação de produtos cujos similares nacionais enfrentam forte concorrência de importados devido ao câmbio.

“Pode ser que isso seja ne-

cessário, mas não como política industrial, e sim como defesa comercial”, afirmou o ministro, ao chegar para a reunião do Grupo de Avanço da Competitividade (GAC). As medidas devem ser aplicadas setorialmente, segundo o ministro, mas os setores ainda não foram determinados.

O presidente da Confedera-

ção Nacional da Indústria (CNI), Robson Andrade, afirmou que a primeira reunião do GAC vai servir para que a indústria cobre da equipe econômica medidas pontuais e específicas para setores que têm sido prejudicados pela concorrência com mercadorias importadas devido à valorização do câmbio.

Argentina está 'preocupada' com Brasil

O ministro das Relações Exteriores da Argentina, Héctor Timerman, disse que o déficit comercial negativo com o Brasil é uma preocupação para seu país e que isso deve ser resolvido. De acordo com o chanceler, não é fácil fazer uma aliança estratégica quando há um déficit como o que ocorre na relação da Argentina com o Brasil. As informações são da Agência Estatal Argentina, a Telam.

“(O déficit comercial negativo para a Argentina) é um

tema com que a Argentina se preocupa”, disse o chanceler. “(Não se sabe) como ele é gerado ou se levantou”, afirmou ele. “(Mas) não é fácil ter uma aliança estratégica, como essa aliança, com um déficit dessa natureza”.

Ele lembrou que é preciso fazer valer a parceria dos dois países no âmbito do Mercosul e fortalecer o comércio exterior do bloco. “A ideia é que os brasileiros vão vender geladeiras para os argentinos, ou vice-versa. Mas a Argentina e o Brasil, o Mercosul vão ven-

der geladeiras para a Europa, os Estados Unidos, a China, a Ásia e a África”.

Em 2010, o Brasil teve um superávit de cerca de US\$ 4,1 bilhões com a Argentina. O comércio entre Brasil e Argentina envolve, atualmente, aproximadamente US\$ 33 bilhões. Nos últimos 15 anos, empresários brasileiros investiram pouco mais de US\$ 40 bilhões na Argentina. O comércio entre os dois países é baseado, em 80% dos casos, em manufaturados: veículos e autopeças.

Acordos

Na sua primeira viagem ao exterior, Dilma fechou 15 acordos com a presidenta da Argentina, Cristina Kirchner. Nas conversas entre as duas, houve destaque para as relações econômicas, comerciais e de aliança estratégica.

Por meio de um convênio firmado entre a Caixa Econômica Federal e o Ministério do Planejamento da Argentina o governo brasileiro colocou à disposição o modelo do programa 'Minha Casa, Minha Vida' para a construção

de moradias populares. No Brasil, a meta do programa é construir 1 milhão de unidades habitacionais.

Na área das Comunicações foi assinado um plano de ação conjunta para cooperação bilateral com objetivo de massificar o acesso à internet em banda larga até 2015 nos dois países, por meio da melhoria na qualidade de conexão e ampliação da disponibilidade do serviço.

Fale com o editor
redacao@diarioam.com.br

Manaus, quinta-feira, 3 de fevereiro de 2011.

Sindinaval oferece alternativa para Distrito Naval

✓ Moradores de Educandos e São Raimundo torcem pela manutenção do local atual

O Sindicato dos Reparadores e Construtores Navais do Amazonas, Sindinaval, como representante da classe e preocupado com a ameaça de retirada dos cerca de 100 estaleiros que operam há décadas na Orla do Rio Negro, englobando São Raimundo, Centro, Educandos e adjacências - o que viria causar um colapso na economia local, uma vez que os estaleiros geram aproximadamente 10 mil empregos diretos e indiretos - oferece alternativas para a manutenção dos atuais estaleiros, que fazem parte de uma paisagem que já é comum em Manaus, inclusive tendo servido de teses de doutorado e inspirado seriados da Rede Globo, como A Justiceira.

Segundo opinião de Jaime Pereira, presidente do Sindinaval e proprietário do Estaleiro Jaime Dias, operando há gerações na Beira Mar de São Raimundo, simplesmente tirar os estaleiros e transferi-los para o Puraquequara, Tarumã ou Pari-



Jaime Pereira, presidente do Sindinaval (E) e Francisco Barbosa, do Estaleiro F. Barbosa

catuba é uma aventura trepidada e sem precedentes na história da categoria, já que todos funcionam no local há muito tempo, inclusive com investimentos

pesados em construção e manutenção de 'carreiras', além de manter, em média, cerca de 60 funcionários por estaleiro. "Será um verdadeiro desastre, além de uma

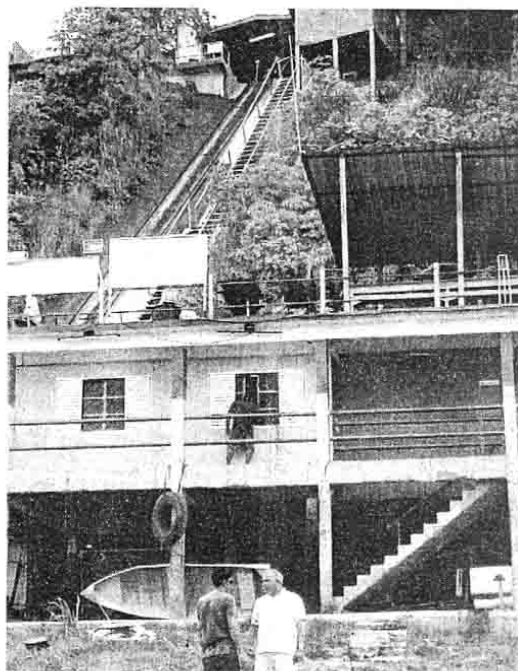
explosão de desemprego em massa", disse ele, já que não haverá condições dessa transferência e uma consequente adaptação no novo local a curto prazo.

Opinião unânime entre a categoria

Francisco Barbosa, do Estaleiro F. Barbosa, localizado próximo do Porto das Balsas, em São Raimundo, antes favorável à mudança, hoje defende a manutenção dos estaleiros exatamente onde estão. Ele lamenta que a situação tenha chegado a esse ponto, o que vem gerando uma paralisação de investimentos no setor. Trabalhando com orçamento próprio - nenhum dono de estaleiro recebe qualquer ajuda financeira dos governos Municipal, Estadual ou Federal - Barbosa deixou de investir em nova 'carreira', pois segundo disse, não vai rasgar dinheiro, ou seja, investir altos montantes

em novas 'carreiras' para depois ter que sair do local.

Ele lembra que, caso a transferência ocorra, só a retirada de todos os estaleiros demandaria muito tempo, em média levando cerca de dois anos para voltarem a funcionar normalmente, o que, certamente, fará com que a maioria, senão todos, fechem as portas. "Eu, pelo menos, não tenho condições de ir para lá. Minha vida toda está centrada aqui; é aqui que eu trabalho, gero empregos e pago meus impostos. Já avisei para meus funcionários que se essa mudança se efetivar, infelizmente pararei de trabalhar", lamentou-se.



Estaleiro F. Barbosa, um dos que serão atingidos pela medida

Sindinaval oferece alternativa para Distrito Naval (continuação)

Economia de Educandos aquecida

Antonio Mesquita, da Carreira Bons Amigos, na Beira Mar de Educandos, morando a vida toda no local, também lamenta que vários pais de família corram o risco de ficar desempregados levando em seu bojo dezenas de comerciantes locais, cujos comércios giram em torno da economia gerada pelos estaleiros. Ele lembra que é insano querer retirar os estaleiros para que sejam construídas casas do Prosamim, por exemplo, uma vez que os estaleiros estão localizados na área que fica alagada, nas

cheias do Rio Negro.

“A economia aqui funciona da seguinte maneira: os funcionários dos estaleiros compram nas tabernas e mercearias locais, que esperam receber o pagamento para reinvestir novamente em mercadorias; é um círculo vicioso que é mantido pelo dinheiro oriundo dos estaleiros, que fica girando por aqui mesmo; se os estaleiros saírem daqui, será um desastre total, pois além do desemprego em massa, os comércios também falirão”, observou.

Alternativas reais e eficazes

O Sindinaval, que congrega e representa os cerca de 300 estaleiros estabelecidos nos beiradões do Amazonas, oferece como alternativa a possibilidade de ser feita uma reforma geral na paisagem da Orla, que consiste de uma limpeza total, que ficaria à cargo dos donos de estaleiros, além de ser feita uma remodelagem nos estaleiros, com novos escritórios e manutenção de carreiras. Em sua opinião, se fosse oferecida uma linha de crédito por parte do governo, os estaleiros seriam remodelados e modernizados, com a consequente profissionalização dos trabalhadores que já atuam na área, através de cursos e treinamentos patrocinados pelo próprio sindicato e por várias entidades de classe e autarquias, como já acontece.

O grande problema, segundo Jaime Pereira, é a incerteza que tomou conta da categoria, que deu uma frea-

da nos investimentos e contratação de pessoal, como aconteceu com ele próprio, que parou a construção do novo escritório do estaleiro por causa do futuro incerto. Ele lembra que a possível transferência dos estaleiros para o Puraquequara é inviável, já que além de demandar tempo e custos altíssimos, o local não apresenta condições favoráveis de implantação de um Pólo Naval, já que o terreno é composto por barrancos. “Eu espero que as autoridades tenham bom senso e procurem conhecer a fundo o problema, para poder tomar uma decisão que venha contemplar a todos os envolvidos na questão, diferente do que ocorre agora, onde só vemos prejuízos para todos, no horizonte. A retirada afetaria também vários donos de Marinas e proprietários de lanchas e deslizadores, que também trabalham na orla.